



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

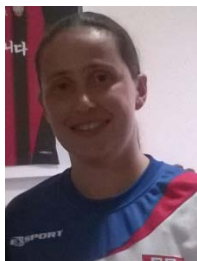
PATRÍCIA REGINA GUSMÃO

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-455

Entrevistado/a: Patrícia Regina Gusmão

Nascimento: 14/12/1978

Local da entrevista: Cachoeirinha - RS

Entrevistador/a: Suellen dos Santos Ramos

Data da entrevista: 06/09/2014

Transcrição: Suellen dos Santos Ramos

Copidesque: Isabela Lisboa Berté

Pesquisa: Suellen dos Santos Ramos

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 42 minutos e 56 segundos

Páginas Digitadas: 22 páginas

Observações:

Entrevista produzida para o *Programa Futebol e Mulheres* desenvolvido pelo Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO)

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Início da carreira; Passagem pela escolinha e time profissional do Sport Clube Internacional; Atuação em equipes nas cidades de São Paulo, Botucatu e São José dos Campos; Experiência na Coreia do Sul como jogadora; Dificuldades sofridas por jogadoras no Brasil; Transição de jogadora para treinadora; Perspectivas futuras para o futebol praticado por mulheres no Brasil.

Porto Alegre, 06 de setembro de 2014. Entrevista com Patrícia Regina Gusmão a cargo da pesquisadora Suellen dos Santos Ramos para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

S.R. – Olá Patrícia, inicialmente gostaria de agradecer pela disponibilidade de conceder esta entrevista. Tu pode me falar como iniciou no esporte, no futebol?

P.G. – Comecei jogando... Acho que como a maioria das meninas começa, no meio dos guris, no colégio, porque não... Quando eu... Na minha idade não tinha uma escolinha, não tinha onde eu procurar... em 1997 eu fui pra escolinha do Inter¹. Na verdade fui para fazer um teste na escolinha do Grêmio² que eu fiquei sabendo, e no mesmo dia o cara não deixou a gente... Eu participar da aula e daí eu resolvi, eu por conta própria, ir lá no Beira-Rio³. E lá encontrei a Duda⁴ e diferente do Grêmio ela me deixou fazer uma aula mesmo que tivesse... Eu cheguei no meio, na metade da aula, ela deixou eu entrar e participar. E daí, dali, daquele dia eu fiquei no Inter por oito [anos] corridos. Coisa que de repente eu poderia ficado no Grêmio se não tivesse esse imprevisto.

S.R. – E tu chegou a participar da equipe profissional do Inter, não é? Do Internacional?

P.G. – Sim, é em 1997 eu comecei na escolinha, no começo do ano, foi março, abril eu acho. Que foi quando eu comecei, que foi essa primeira aula, depois dali a gente continuou... Tinha campeonatos internos, e no final do ano surgiu a possibilidade do Inter participar do primeiro campeonato sub-17 da modalidade, que foi em Cabo Frio, Rio de Janeiro, e como o...

S.R. – Cabo Frio, Campeonato Brasileiro isso?

¹ Sport Club Internacional.

² Grêmio Foot-Ball Porto-alegrense.

³ Estádio Beira-Rio propriedade do Sport Club Internacional.

⁴ Eduarda Marranghelo Luizelli.

P.G. – Campeonato Brasileiro sub-17. Aí como não tinha... O Inter não tinha uma equipe, a Duda resolveu então selecionar umas meninas da escolinha, montou a equipe de última hora e em fevereiro de 98 a gente foi pro Campeonato Brasileiro. Aí a partir dali, todo ano, final de ano a gente tinha uma competição, no caso um campeonato adulto, não é? Primeiro foi o sub-17 e a partir de 1999, 2000, 2001 foram todos campeonatos adultos.

S.R. – E tu lembra desses campeonatos? Nomes?

P.G. – Teve um campeonato em Taubaté. Teve um campeonato em Ubá, Minas Gerais.

S.R. – Isso tudo Brasileiro?

P.G. – Tudo Campeonato Brasileiro.

S.R. – E aqui dentro do Rio Grande do Sul?

P.G. – Aqui no Rio Grande do Sul a gente disputava uma Copa Sesc⁵, disputava o Campeonato Gaúcho, disputava um torneio de Gramado que tinha, que vinha equipes de fora do estado, e a Copa... O Campeonato Sul... Copa Sul! Que era disputado pelo vencedor do Campeonato Gaúcho, vencedor de Santa Catarina e vencedor do Paraná. Então, eram as competições que tinha aqui no Rio Grande do Sul.

S.R. – E tu lembra de algumas equipes aqui do Rio Grande do Sul que participavam desses Campeonatos Gaúchos e Copa Sesc?

P.G. – Pelotas⁶, Cruzeiro⁷, Cruzeiroinho de Porto Alegre, Grêmio, Gramadense⁸, lá de Gramado... Cada ano mudava umas equipes, mas assim que eu me lembre de nome pra te

⁵ Campeonato organizado pelo Serviço Social do Comércio.

⁶ Esporte Clube Pelotas.

⁷ Esporte Clube Cruzeiro.

⁸ Centro Esportivo Gramadense.

falar agora mais esses assim. Tinha um... Tinha ali também... Agora eu não vou me lembrar o nome. Eram vários assim. De Porto Alegre era Inter e Grêmio e daí depois tinha um de Guaíba... Teve um que tinha Pelotas e Brasil⁹, tinha os dois lá de Pelotas. Teve um ano que teve o... Não vou me lembrar o nome. Vieram as meninas da Seleção, time ali do interior lá... Meio eles fizeram, por que acabou o Grêmio e eles fizeram um time ali... Qual o nome do time? Bom depois se eu me lembrar eu te falo.

S.R. – “Tá”.

P.G. – Mas foi um time que eles fizeram bem forte... Veranópolis!

S.R. – Veranópolis.

P.G. – Veranópolis fez um time uma vez trouxe várias meninas da Seleção, que jogavam em São Paulo tudo. Montou uma equipe muito forte, foi pra final com o Inter só que a gente acabou vencendo naquele ano também.

S.R. – Show.

P.G. – Juventude¹⁰ tinha.

S.R. – É verdade!

P.G. – Lá em Caxias.¹¹ É acho que eram mais ou menos essas equipes.

S.R. – “Tá” e quando tu decidiu jogar futebol assim, que tu queria... Foi tua a iniciativa de procurar uma escolinha?

⁹ Grêmio Esportivo Brasil.

¹⁰ Esporte Clube Juventude.

¹¹ Município do Estado do Rio Grande do Sul.

P.G. – Assim ó, a minha família sempre foi envolvida com futebol por que eu tenho um irmão que ele foi profissional, não é? Então desde muito pequeno ele já jogava lá em Novo Hamburgo na escolinha do Novo Hamburgo, passou por todas as categorias: juvenil, juniores, naquela época que agora mudou, tem a sub-17, sub-20. Foi para o profissional e a minha família, minha mãe e meu pai sempre acompanhavam ele, tanto é que minha mãe e meu pai chegaram uma época no Novo Hamburgo, do Esporte Clube Novo Hamburgo, lá que eles eram... Meu pai foi dirigente, era diretor do juvenil. E a minha mãe trabalhava na parte administrativa dentro do... Ali na parte que faz pagamento, que faz essas correrias. E aí eu sempre junto com eles, não é? Sempre! Então, nesse meio de futebol desde muito pequena. As viagens, quando meu irmão tinha as viagens que a minha mãe e meu pai iam junto, eu ia também. Eu estava sempre... Fui criada nesse meio do futebol. E aí, só que eu nunca tive onde jogar, não é? Sempre jogando na escola, era a única menina muitas vezes, às vezes tu achava uma que outra meio perdida lá, mas a maioria das vezes era sozinha. E jogava futebol com os guris, meus primos sempre quando a gente se reunia na casa da minha vó era sempre... Eu estava sempre junto com eles, com meu primo, com meu irmão. E assim que eu iniciei, não é? Mais por essa força assim que a minha família toda já estava inserida dentro de um clube, e eu fui seguindo... Só que aí teve uma época que surgiu a oportunidade que eu sabia que em Porto Alegre... Eu moro em Novo Hamburgo, não é? Surgiu a oportunidade de ter escolinha em Porto Alegre, que surgiu... Era o Inter e o Grêmio. E aí eu resolvi sair lá de Novo Hamburgo ir lá ver como é que era, não é? E foi aí que tudo começou na verdade.

S.R. – Então por parte da tua família tu não sofreu nenhum tipo de resistência?

P.G. – Não. Da parte da minha família sempre foi muito tranquilo, até por eles vivenciarem muito esse mundo do futebol, acho que não... Eu só cheguei em casa e falei: “Mãe, consegui um lugar onde eu vou poder jogar futebol feminino, não vou mais precisar ficar jogando com os guris”. E ela e meu pai trabalhavam em Novo Hamburgo e eu falei: “Ó, vim lá do Inter agora”. Fui sem avisar eles, quando eu voltei falei: “Ó mãe, estou na escolinha do Inter, vou ter que ir agora duas vezes na semana pra lá”. E eles foram meio

pegos de surpresa assim por que... Mas foi tranquilo, sempre me apoiaram, sempre foram prestigiar, estavam em todos os jogos. Até a maioria das recordações que eu tenho foi de fotos que meu pai tem desde treino, campeonatos, tudo praticamente. É difícil até, acho que nem a Duda tem tantas fotos quanto...

S.R. – Onde é que está isso mesmo? [risos]

P.G. – Está em casa.

S.R. – A gente vai ter que fazer uma visita pra tua casa então.

P.G. – Meu pai ele sempre gostou de bater fotos, então ele ia com a máquina lá, ele comprou aquelas máquinas diferentes. Então todas as meninas, até agora a Simone¹² que está jogando ali, ela jogou com a gente no Inter, não é? Ela é uma que eu dei várias fotos pra ela daquela época porque ela fez parte do nosso time então... Aí ela: “Nossa! Da onde essas fotos?” Daí eu falei: “Bah tem tudo lá em casa!”

S.R. – Que legal! “Tá” e tu já sofreu algum tipo de preconceito por jogar futebol.

P.G. – Ah preconceito assim eu acho que a gente sente mais... Claro tem no dia-a-dia se a gente fosse parar pra pensar... Hoje mudou bastante, não é? Mas antigamente tinha bastante: “Mulher tem que lavar roupa”. “Mulher tem que ficar em casa”. “Onde já se viu uma menina... tem que brincar de boneca, não jogar futebol!” Sempre essas coisas que as pessoas falavam, sem às vezes ter uma noção, mas já com uma tendência preconceituosa, não é? Esse tipo de coisa e quando a gente ia jogar muito no interior do estado a gente ouvia muita coisa da torcida assim, muito... Coisas que até o ano passado quando eu joguei no Canoas ali, nessa viagem lá pra Tapejara, eu ouvi coisas assim que eu não ouvia há muito tempo e coisas que eu não ouvia desde... Então fui ouvir lá sabe! Umas coisas assim, umas palavras assim absurdas que tu ouve de umas pessoas que acho que, não sei, pra mim

¹² Nome sujeito a confirmação.

não são torcedores, não é? Mas a gente vê isso não só no futebol feminino, a gente vê no masculino, agora essa coisa do racismo aí que estão... Que está bem em ênfase. Então são vários tipos... Não é só de mulher jogar futebol, acho que é tudo, não é?

S.R. – Bom, o Sport Club Internacional finalizou as atividades no ano de 2003, não é? Por aí...

P.G. – Isso. Em 2003 fechou o departamento e aí em 2006 ele voltou pra jogar um campeonato, uma Copa do Brasil¹³.

S.R. – Tu participou?

P.G. – Sim, participei. A gente caiu fora na terceira fase, a gente foi eliminado na terceira fase. Foi assim que a gente foi... A Copa do Brasil era no final do ano, nós treinamos um mês pra competição, um mês e meio e fomos para a competição. Só que aí é difícil treinar um, dois meses ali e se deparar com equipes de São Paulo que treinam o ano inteiro. Então sabe, fica uma coisa meio desnivelada que tu nem consegue... Tu vai mais pra participar mesmo, por que tu tem consciência que uma hora tu vai chegar ali, vai enfrentar um dos [times] que tem uma estrutura muito maior que a tua, tu... Mas foi bem legal assim. Poder voltar a jogar no Beira-Rio.

S.R. – Show!

P.G. – Depois de três anos, não é? Assim sem atividades lá, foi muito bom.

S.R. – “Tá” e nesse período de três anos o que tu fez?

P.G. – De 2003... 2003 acabou o Inter. 2004 fui jogar no Juventude e comecei a jogar futsal.

¹³ Copa do Brasil de Futebol Feminino.

S.R. – Sim.

P.G. – Daí joguei dois anos no Juventude, e daí em 2005 fui jogar em Botucatu, em São Paulo. Daí aí começou a fase fora do estado, não é?

S.R. – Me fala um pouquinho dessa diferença de estrutura que tu vivenciou em São Paulo e aqui.

P.G. – Assim ó, na época que eu joguei no Inter, ali eles procuravam fazer uma coisa bem profissional. A gente treinava todos os dias sabe, tinha salário, foi um dos primeiros clubes que teve carteira assinada. Depois por alguns motivos que não... Até porque o Grêmio fechou as portas, ai o Inter teoricamente se não tem o Grêmio, um só não sobrevive.

S.R. – É verdade [risos].

P.G. – Então ficou ali mais dois anos sem o Grêmio, e depois também fechou as portas do departamento, porque até o legal do negócio era o Grenal¹⁴, não é? Que era o que dava aquela visibilidade toda, todo mundo esperava o ano inteiro pra ter o Grenal. Muitas vezes o departamento masculino do Inter, naquela época, se tu pegar ali esses anos, o Inter não ganhava nem Gauchão¹⁵, era uma época que o Grêmio estava muito forte. Então o único título Gaúcho quem dava muitas vezes era o futebol feminino pro Inter. Então a gente tinha bastante apoio porque às vezes o juvenil perdia, o júnior perdia, o profissional não chegava... Porque o time do Grêmio aquela época estava muito bom, e o Inter feminino era o que garantia o ano assim, a torcida ficava feliz por causa disso.

S.R. – Vocês eram valorizadas dentro do clube?

¹⁴ Clássico entre os times Sport Club Internacional e Grêmio Foot-Ball Porto-alegrense.

¹⁵ Campeonato Gaúcho de Futebol.

P.G. – Sim! A estrutura era muito boa assim, sabe? Claro que não se compara com nada fora do Brasil, mas estava... Pelo menos tinha um... Estava indo pra um caminho certo, não é? Só que daí depois por motivos, acho que até porque fechou o Grêmio, pra eles não eram mais, mais vantajoso, não sei. Por causa da visibilidade, não tinha mesma, aquela mesma emoção tu ganhar do Grêmio ou tu ganhar de um Juventude, tu ganhar de um time que... O Inter masculino já fazia isso naturalmente, então o legal do negócio era o Grenal, na medida que acabou isso, eles fecharam as portas.

S.R. – Sim. E quando isso aconteceu tu jogou em quais equipes lá em São Paulo?

P.G. – Joguei em Botucatu três anos, foi uma equipe que assim, quando eu cheguei lá era um equipe que estava sendo montada, que era um time de interior, que não tinha muita força, mas eles queriam fazer uma equipe... Aí trouxeram várias meninas boas assim, nível de Seleção. E foi o ano de 2000... 2005 a gente não ganhou nada só participamos mesmo, mas em 2006 a gente ganhou todos os campeonatos que teve em São Paulo.

S.R. – Nossa!

P.G. – Incluindo o Campeonato Paulista, Jogos Abertos do Interior¹⁶, Campeonato Brasileiro, tudo que hoje tu pega ali um tempinho atrás o Santos¹⁷ vencia, o ano passado o São José dos Campos¹⁸ fez essa estrutura forte. Esse ano já temos o Araraquara¹⁹ que está tomando o lugar do São José, então tipo, vai acabando um vai surgindo outro. Tipo, parece um ciclo assim que vai...

S.R. – Sim.

¹⁶ Jogos Abertos do Interior, realizado no Estado de São Paulo.

¹⁷ Santos Futebol Clube.

¹⁸ São José Esporte Clube.

¹⁹ Associação Ferroviária de Esportes.

P.G. – Mas foi isso, foi... Joguei em Botucatu três anos, onde eu tive mais títulos depois em... Depois joguei no Corinthians²⁰ também, disputamos a Copa do Brasil, chegamos à semifinal, mas por um erro da direção inscreveram uma atleta irregular e caímos fora. Não por ter ganho... Perdido dentro de campo, mas perdemos no...

S.R. – Que sacanagem.

P.G. – É na... Deixa eu ver, São José, São Bernardo²¹. Daí depois eu fui pra Coreia²².

S.R. – Fala um pouquinho como é que foi essa articulação da tua ida para Coreia.

P.G. – Assim, surgiu a oportunidade de ir por um contato de uma menina lá de São Paulo, que eu conheci o empresário. Aí tinha que fazer um DVD, um currículo, levaram para o time coreano, que no caso era o Suon²³ Aí eles contrataram, levaram... Na verdade a gente vai pra lá, só que na verdade não... Tu tem um contrato tudo ali certo assinado, só que tu chega lá tu ainda fica num período de teste, não é? Porque se eles não gostam da jogadora eles são bem assim, eles rasgam o contrato ali, não vale nada, te mandam embora e já querem outra. Então isso é uma coisa que eles são bem assim. Aí chegamos lá, demoramos... Demorei um pouco para se adaptar, que é um futebol completamente diferente, estrutura diferente, tu vive do futebol, tu vive o futebol 24 horas. Tem horário pra tudo, a equipe mora todo mundo no mesmo lugar, as atletas tem hora pra acordar, tem hora pra tomar o café da manhã, tem hora para o almoço, tem hora pra janta, tem hora para o treino. Então tu passa o teu dia inteiro regado em função daquela atividade. Não é que nem aqui, que tu treina de tarde, de noite tu vai pra tua casa, de manhã tu vai passear com a tua mãe. Não, lá não. Era 24 horas em função do time. Dez horas apagava a luz do quarto, tu tinha que dormir. Porque era uma jornada bem cansativa, porque esses times, esses times: Japão, Coreia, China, eles são um povo muito assim... Eles acham que o treinamento...

²⁰ Corinthians Futebol Clube.

²¹ São Bernardo Futebol Clube.

²² Coreia do Sul.

²³ Nome sujeito a confirmação.

Quanto mais tu treinar, melhor tu vai ficar fazendo aquela atividade. Eles não são, eles não respeitam muito aquela coisa de: “Se tu treinar de mais, de repente tu pode se machucar”. Pra eles não existe aquilo. Eles pensam assim: “Eu vou treinar de manhã... Eu vou treinar de madrugada, de manhã, vou treinar depois do almoço, e se der ainda vou treinar de noite”. Sabe, é um pensamento assim, parece militar aquela coisa bem, que a gente ficou meio assustada no começo quando a gente chegou lá. Mas que depois foi se adaptando, eles também viram que atleta estrangeira não podia ser cobrada da mesma forma que as coreanas no caso, não é? Mas depois foi tudo tranquilo, a gente se adaptou bem. Eu fiquei lá dois anos, o primeiro ano eu joguei, no segundo eu não fui pra jogar eu... Eu tinha me machucado no joelho e daí como eu tinha pego um vínculo com o pessoal lá no clube ele falou pra mim ir lá. O treinador queria que eu fosse lá e aí eu passei a ajudar ele na parte de campo mesmo.

S.R. – Bah que show.

P.G. – Aí foi uma experiência bem assim... 2010 a gente foi campeãs coreanas. Mas é uma estrutura completamente diferente, não tem o que tu comparar assim, é muito profissional. Eles são atletas de futebol, eles não são jogadores, elas não são jogadoras, elas são atletas de futebol, elas vivem para aquilo. Não é que nem nós aqui que: “Ah vamos se reunir ali, vamos treinar uma semana e vamos jogar.” Isso aí é jogadora, é jogadora de final de semana. Lá não, lá elas são atletas, elas se dedicam aquilo ali 24 horas por dia. Elas sabem a hora de treinar, elas sabem a hora de se alimentar, elas sabem a hora de ter que descansar, porque o descanso faz parte, não é? Então elas são, é um povo muito regrado, muito... E tanto é que eles estão na evolução que eles estão. A Coreia do Sul, ela só não está mais longe, porque ela pega ali equipes para disputar uma eliminatória para ir para o Mundial, para um campeonato, para uma Copa do Mundo, para uma Olimpíada²⁴, ela pega Japão, elas pegam China, elas pegam Coreia do Norte que é mais forte que a Coreia do Sul, que está sempre também... Então, ali naquele, na disputa ali que tem pra conseguir a vaga pro Mundial e pras Olimpíadas é muito difícil classificar. Tanto é que a Coreia do Sul, último

²⁴ Jogos Olímpicos.

jogo jogou contra o Japão foi dois a um o jogo. E o Japão naquele mesmo ano foi campeão mundial, entendeu? Então perdeu por dois a um para uma Seleção, que se de repente estivesse na Copa do Mundo teria chego.

S.R. – Equilibradíssima.

P.G. – É.

S.R. – E como é que é a valorização lá das jogadoras?

P.G. – Aí, assim... É que aqui no Brasil é muito... Não é que as atletas ganhem pouco, lá também não se ganha muito. Mas assim ó, o que se ganha lá, quando a gente traz aqui pro Brasil parece uma fortuna, porque a diferença é muito grande de país. Lá o que tu, lá tu vai na casa de uma pessoa que teoricamente é mais humilde, que nem tinha umas meninas do clube, elas falavam: “Não, não vou te levar lá na minha casa pra conhecer, porque a minha casa é de pobre, é simples”. Aí tu chegava lá, geladeira de duas portas, casa toda mobiliada, sabe? Então eles não têm, eles não sabem o que é ser humilde, o que é não ter as coisas. Porque eu acho que até o mais pobre lá tem tudo, então tu vai pra lá, tu acha que tu bah! Tá ganhando milhões, na verdade não é tanto, mas é que tu é acostumada a ganhar tão pouco no teu país, que aquilo lá se torna uma fortuna. E se tu for ver, não chega, não se compara com o que o futebol masculino ganha, mas ajuda muito.

S.R. – E as diferenças de estrutura assim entre Brasil e Ásia?

P.G. – Nossa! No futebol feminino?

S.R. – É.

P.G. – Grotasca! Acho que não tem... Lá pra tu ter uma noção, as meninas começam a jogar com nove, dez anos já tem a liga para elas. Então elas estão no colégio, elas já sabem, elas

já estão disputando campeonato. E tu vê os treinamentos é igual a que joga a liga principal. Então elas começam desde oito, nove anos a ter... É uma estrutura parecida com a dos Estados Unidos que também tem esse histórico, lá meninas no colégio já tem as clínicas, as coisas, já participam de campeonatos e coisa. E ali na Coreia a mesma coisa, a gente ia, às vezes ia jogar um jogo lá à noite, aí a gente olhava aquele monte de ônibus, aquele monte de criancinha descendo... Daí tu perguntava pros caras e eles falavam: “Não, é que vai ter um campeonato, o mesmo campeonato que vocês vão disputar, tem o das crianças também”. Aí tu olhava tinha menina de oito, nove, dez anos. Tinha sub-15, sub-20 e acho que a categoria principal. Acho que são quatro categorias, sub-13, sub-15, sub-20 e principal. Aí tu via todas as equipes com seu ônibus próprio do time, sabe? Seu “onibuzinho”, um micro ônibus, porque para elas não precisa muito, não é? Um micro ônibus então já com o símbolo do time, as equipes principais também, todas com um ônibus personalizado. Por exemplo, o nosso tinha um ônibus que ficava lá na nossa garagem, levava a gente sempre para o treino, com a foto do time, com... Cada equipe tinha seu próprio ônibus, não era aquela coisa: “Ah vou viajar aqui no Brasil. Ah o masculino... Jogo no Inter, o masculino vai me ceder o ônibus pra eu ir”. Lá não, cada... Por exemplo, futebol feminino cada equipe tinha o seu ônibus. Então era aquilo, tinha seu ônibus, seu motorista. Sabe, era uma coisa assim, uma estrutura bem... Aí tu vê a diferença, não é? Aqui no Brasil me diz, onde que a gente tem... Agora que eles começaram a fazer as categorias de base na Seleção Brasileira. O máximo que tu consegue fazer em um campeonato estadual é uma sub-17, porque a maioria das meninas já jogam tudo na principal, tudo na categoria adulta. Então quando se consegue fazer um trabalho desde lá do começo, desde já...

S.R. – Tu colhe frutos, não é? Tu tem resultados.

P.G. – Essa é a grande diferença.

S.R. – Tu teve alguma outra experiência fora da Coreia?

P.G. – Não, a única experiência fora do país foi mesmo a Coreia do Sul.

S.R. – E como foi o teu retorno pro Brasil? Tu voltou jogando?

P.G. – Voltei jogando. É aquele impacto, não é? Tu volta jogando, por exemplo, tu treinava em grama sintética lá, tu treinava em estádio... Aí pra ti ter noção nosso primeiro treino no Araraquara... Que hoje se tu pegar ali Campeonato Brasileiro, Copa do Brasil, as principais competições, Libertadores²⁵, é o time que está ganhando tudo. Aí o nosso primeiro jogo... O nosso primeiro treino, chegamos lá, nos alojamos... No primeiro treino fomos pra uma pista de corrida, aí fomos fazer um trabalho na grama, grama de um metro de altura, pegando... Uns matos pegando nas canelas, sabe? Daí aquilo ali pô... Tu saiu lá do estádio que era um tapete, as bolas só bola nova, aí tu chega em um lugar que tipo, tu tem que tirar aqueles pega-pega da meia, porque tu treina mais praticamente no meio do mato, sabe? Aí ali tu, putz! Estou no Brasil. Ali já dá o primeiro impacto, não é? Sem contar a série de “n” problemas que tem, tipo, tu morar com vinte e cinco numa casa que tem lugar pra... Tem o quê? Quatro, cinco quartos, tu bota vinte e cinco dentro. Tu ter que almoçar e tu não tem a mesa pra sentar, porque com vinte e cinco não vai ter uma mesa para vinte e cinco dentro da casa, porque não tem a estrutura. Eles dão a estrutura básica e vão colocando gente lá dentro. Aí tudo coisa que tu começa a pensar, bah será que eu preciso passar por isso ainda com a minha idade? No caso eu tenho 35 anos, será que eu preciso? Aí tu começa a pensar, foi um dos motivos que me fizeram ficar três meses lá e vir pra casa ficar com a minha família e ver se eu conseguia alguma coisa aqui no Rio Grande do Sul de novo. Foi esse assim, foi isso que me fez... Me trouxe aqui pro Rio Grande do Sul de novo, não é? Esse tipo de coisa assim que tu começa a ver que... Bah, será que vale a pena? Se tu é novinha tu ainda... Tudo é novidade, mas depois de uma idade assim. Pô, se eu tivesse ficado lá tinha ganho títulos, tipo, ganho Copa do Brasil, Campeonato Paulista, na verdade já tenho Campeonato Paulista, mas teria mais uma... Participaria de uma Libertadores, sabe? Coisas que de repente se eu tivesse ficado lá eu teria ganho. Mas eu preferi, tipo, abrir mão por outras coisas que acho que também é importante.

²⁵ Copa Libertadores da América de Futebol Feminino.

S.R. – Foi nesse período que tu... Fez Educação Física, não é? Faculdade?

P.G. – Sim.

S.R. – Tu é formada em Educação Física?

P.G. – Sim, sou formada em Educação Física. Me formei em 2007.

S.R. – E hoje tu trabalha com futebol feminino novamente, mas agora como treinadora.

P.G. – É esse ano eu estou tendo essa experiência como treinadora, tenho curso de treinadora, tenho CREF²⁶, sou credenciada pra... Mas é a primeira vez assim que eu trabalho como treinadora mesmo. Sempre a gente ajuda... Só que uma coisa que eu vejo assim, que acho que o futebol não vai mais pra frente, porque quem organiza o futebol, quem é o treinador, o preparador físico lá, eles não tem a... Eles não têm uma estrutura. Geralmente assim é o cara que gosta de futebol, não estudou para aquilo, mas que vive futebol e acha que serve como treinador daquela equipe, sabe? Daí começa a passar um monte de coisa que “nada a ver” para as meninas, e daí elas já aprendem aquilo ali, já começa errado.

S.R. – Sim.

P.G. – Eu acho que a pessoa que vai comandar uma estrutura como esse ele tem que ter estudo, ele tem que ter vivenciado o... Agora tem o CREF provisionado, que se tu tem uma bagagem sobre futebol, tu pode ir lá e tirar o teu CREF. Mas tem que ter um credenciamento, não pegar qualquer um aí que acha que é treinador e começa a passar um monte de coisa errada para as meninas, já começa aprendendo tudo errado.

²⁶ Conselho Regional de Educação Física.

S.R. – É verdade. É como é que foi essa tua transição assim de jogadora para treinadora agora?

P.G. – É no começo assim... Sempre parar de jogar é bem difícil, não é? Tu parar de jogar, assim. Mas como eu tive duas lesões, uma seguida da outra... E na verdade eu tive a primeira lesão, não me recuperei direito por falta de estrutura, não é? Porque quando tu te machuca numa lesão grave, tu tem que ter uma estrutura pra ti poder voltar, de fisioterapia, de treinamento... E coisa que é difícil tu encontrar, só se tu estiver em um clube lá em São Paulo. E eu não voltei muito bem, fiquei meio capenga por um bom tempo, jogando mais não a nível, alto nível, jogando mais por aqui mesmo. E daí o ano passado eu joguei em Canoas... Estava em Araraquara... Voltei da Coreia, fui pro Araraquara, joguei em Canoas... Eu acho que assim ó, a idade muitas vezes, as pessoas falam: “Bah, tem 35 anos não dá mais...” Eu ouço do meu pai: “Bah guria, vai parar, para de jogar”. Daí tu pega, vai em um time assim ó que tem guria de dezessete, dezesseis, vinte, vinte um, vinte e três... Está no auge ali da preparação física que não corre metade do que tu corre, sabe? Não se esforçam, elas não tem vontade, parece não sei o que... São desanimadas, não sei. Aí que fico pensando: “Bah eu posso acrescentar um pouco ainda pra esse time”. Porque que eu vou deixar de... Principalmente aqui no Rio Grande do Sul que o nível não é assim dos... Sabe? Não tem aquela estrutura de treinamento todo dia, de treinar, então o campeonato está um pouco abaixo de São Paulo, Rio de Janeiro, ali que são as... Santa Catarina também está começando a ter uma estrutura forte. Aí tu pensa: “Bah e eu não vou jogar?” Aí me machuquei de novo no final do ano passado, rompi meu ligamento de novo. Aí esse ano eu pensei, não, vou fazer outra coisa, mas eu sempre gostei assim, eu gosto de competição. Não é que eu... Eu trabalhei já em escolinha tudo, mas eu gosto de competição, eu gosto de... Escolinha assim pra mim é legal tudo, mas eu sempre quis assim ter um time competitivo.

S.R. – Alto rendimento?

P.G. – É. Daí esse ano eu estou tendo a oportunidade, vamos ver o que vai dar isso aí. Essa brincadeira.

S.R. – Como é que surgiu essa ideia dos Onze Unidos²⁷, que é o time que tu treina agora?

P.G. – Assim, de uma conversa que um dia eu fui assistir um treino, falando com o presidente, com o Cléo²⁸. Ele junto com a Karina²⁹, eles me convidaram para ser a treinadora, porque ele tinha começado com uma coisa bem simples, juntou umas meninas pra disputar um torneio, aqui da cidade de Cachoeirinha. Só que ele fez muito, ele mesmo quando ele me convidou, ele falou: “Bah Pati, eu tenho um time aqui, não é muito bom, só que eu comecei a botar no Facebook... Tem um amigo em um jornal que foi divulgando e o negócio tomou uma proporção tão grande que a cidade toda quer saber quem é o meu time agora. E nós vamos disputar esse primeiro campeonato, só que com as meninas que eu tenho aqui agente não vai conseguir nem... Imagina se eu tomo uma goleada no primeiro jogo, o que eu vou dizer pra essas pessoas que... Bah mais que cara é esse?” Aí ele pegou e me falou: “Bah mais quem sabe tu dá uma ajuda, não é?” Daí eu falei: “Bah mais eu não estou jogando, eu não vou poder jogar”. Daí ele falou “Tá, mas e quem sabe tu não assume, então? Ajuda da parte de fora, não é? Quem sabe tu dá os treinos pras meninas?” Aí eu fui pensando na ideia, fui pra casa tudo, daí liguei pra ele no outro dia e falei: “Tá, Cléo então vamos tentar fazer.” Daí a gente conseguiu umas meninas novas, juntei com o que ele tinha ali, fomos pra esse campeonato, vencemos essa Copa de Cachoeirinha, que foi o primeiro. Aí ele ficou todo empolgado. Aí nós levamos a ideia do “Gauchão”, mas sabendo que estava um passo lá em cima, não é? Que ele, por não ser uma pessoa... Um clube humilde, de repente não ia ter condições de participar pela... Mas levamos a ideia pra ele e ele disse que se ele conseguisse o apoio de alguém, ele até poderia tocar o projeto. Mas que para ele sozinho assim ia ser difícil. Aí a gente... Fomos, daí entramos nessa Copa RS³⁰, que era um

²⁷ Grêmio Esportivo Onze Unidos.

²⁸ Cléo Inácio Harsteln Pereira.

²⁹ Karina Balestra da Luz.

³⁰ Copa RS de Futebol Feminino.

torneio tipo intermediário entre o torneio de Cachoeirinha e o Campeonato Gaúcho³¹. Tinha esse torneio que ia dizer mais ou menos se a equipe ia conseguir ou não. Graças à Deus a gente está na final desse Campeonato, que vai ser disputado agora dia 14. E agora nesse final de semana começa nossa caminhada, que parecia de uma brincadeira ali de um... Que ele juntou umas meninas que jogavam no final de semana – fez um alarde, colocou em tudo quanto é jornal e divulgou no Facebook – jogamos o primeiro campeonato ali, ganhamos o título e só foi crescendo. E chegou no Campeonato Gaúcho agora.

S.R. – Parabéns, primeiro. Tu vê hoje o Rio Grande do Sul muito longe de outros estados, como Rio de Janeiro, São Paulo... Tanto em questões técnicas quanto em infraestrutura?

P.G. – De pensar assim, vocês que estão fazendo esse trabalho, de pensar que o Rio Grande do Sul era uma das potências do futebol feminino, perdia apenas ali pra São Paulo que era onde as meninas da Seleção, praticamente, eram todas dali Rio e São Paulo. Então Rio Grande do Sul ficava atrás só desses estados. E se tu pegar hoje o Campeonato Brasileiro não tem um representante do Rio Grande do Sul, porque não tem pontuação para disputar. Porque disputa time da Bahia, lá do Rio Grande do Norte, tudo que é lugar do Brasil, que às vezes nem tem condições de jogar, mas conseguiram a pontuação. Porque aqui no Rio Grande do Sul a gente trocou muito de equipe, não é? Tipo, jogou uma, depois joga outra, e não teve pontuação suficiente. Aí por uma questão... Aí tu vê que a gente não tem representante no Campeonato Brasileiro. Com um monte de meninas que jogam futebol aqui no Rio Grande do Sul, muitas vezes se não tem aqui, tu pega lá em São Paulo, grande maioria tu olha lá nos clubes tem muitas gaúchas. E por que não fazer uma coisa aqui? Falta de apoio de repente de uma Federação Gaúcha que não quer assumir a broca?

S.R. – Pois é, tu consegue apontar assim as justificativas pra esse declínio?

³¹ Campeonato Gaúcho de Futebol Feminino.

P.G. – Na época que eu jogava, que eu joguei com o Inter tudo, quem fazia o futebol feminino era a Federação Gaúcha, não é? Hoje é uma Associação³² com o professor Neco³³, que ele está tentando trazer de novo, vincular o futebol feminino do Rio Grande do Sul ao resto do país. Porque se tu pegar ali o Campeonato Brasileiro³⁴, nossa! Tu olha cada equipe assim... E a gente por esse lado também por não deixar morrer a modalidade aqui no Brasil, no Rio Grande do Sul, que a gente montou essa outra equipe. Porque é sempre as mesmas equipes, não é? Tinha quatro, cinco equipes ali que disputavam o Campeonato Gaúcho. É muito fácil tu pegar e se inserir numa equipe que chega sempre. Agora é difícil tu fazer uma equipe nova, que ninguém conheça, e que consiga alcançar o patamar de grandes equipes que já disputam o Campeonato há tempo, isso é mais difícil. Então até para incentivar novos times. A gente entrou com Onze Unidos, um clube se tu for ver de... Um clube amador, que não tem aquela estrutura, não tem aquele nome todo, mas que conseguiu colocar um time. Então não é tão difícil, se as pessoas quiserem de verdade acho que elas conseguem. Claro que tu tem que correr muito atrás, tu vai receber muito não, mas tu tem que... Se tu quiser de verdade... E outra, esse, o Cléo presidente, ele é uma pessoa... Hoje em dia a gente vê muito no futebol, gente que está interessada só no dinheiro que o futebol feminino vai trazer. Por exemplo, tu vai numa prefeitura e tu consegue lá uma verba pra fazer o futebol feminino, aí o treinador do time vai lá assume o dinheiro, não passa... Gasta com ônibus, alimentação em dia de jogos, não tem treino sabe. Aí fica essa estrutura de clube, aí as atletas já não, muitas vezes deixam o clube na mão, porque não tem condições de ficar passando trabalho. E então é difícil tu achar pessoas que realmente queiram ajudar o futebol feminino. Geralmente tem gente interessada no seu próprio bolso e no dinheiro que aquilo ali vai te trazer. “Ah, não estou nem aí na modalidade, vou ganhar meu dinheiro mesmo”. Então, sabe? E a gente vê muito, muito isso, principalmente lá em São Paulo, o esporte ele dá certo, mas tu vê muita gente assim. As prefeituras todas recebem uma verba, só que lá a prefeitura recebe a verba, todas as prefeituras elas recebem uma verba. Aqui no Rio Grande do Sul a Federação não passou, não passa nada por que... Até eles estão tentando modificar isso, mas lá as prefeituras recebem uma verba para fazer o futebol

³² Associação Gaúcha de Futebol Feminino.

³³ Carlos Alberto de Souza.

³⁴ Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino.

feminino, entendeu? Aí tu tem que pelo menos tu tem que ter o clube, não importa se tu pegar o dinheiro todo e não... Mas tu tem que ter o clube. Já aqui no Rio Grande do Sul se a gente tivesse alguma coisa nesse sentindo, de repente...

S.R. – Ajudaria, não é? Teve algum momento da tua carreira que tu conseguiu te sustentar com futebol feminino?

P.G. – Sim, olha, até hoje assim o dinheiro que eu ganhei eu sempre, eu... Posso dizer que minha família é uma família de classe média, e eu... Só que eu sou uma pessoa bem independente assim, nunca precisei pedir dinheiro pro meu pai pra pagar minhas contas nada, sempre consegui me sustentar com aquilo que eu ganhei até hoje do futebol.

S.R. – “Tá” e hoje assim, quais são as tuas perspectivas para o futebol feminino do Rio Grande do Sul, futebol feminino do Brasil?

P.G. – Assim... Que nem eu estava te falando agora dos clubes, eu espero que essa Associação aí que organiza, que vem organizando já algum tempo o Campeonato Gaúcho, possa cada vez melhorar, não é? Melhorar a estrutura para os clubes. Que novos clubes possam surgir. Que daqui a pouco entre um patrocinador que possa ajudar esses clubes de... Que são... Tem menos renda, menos... Não tem como se sustentar. Eu acredito assim que se partir lá de cima, de uma federação, de uma pessoa responsável, de uma associação... No momento que partir dessas pessoas, que essas pessoas tiverem interesse de ajudar, acho que a modalidade vai voltar a ser como era. Por que ali em 2000... de 1997,1998 a 2003 ali eu não tenho nada a reclamar assim do Rio Grande do Sul, sabe? Sempre foi uma potência do futebol feminino, tanto é que teve meninas como a Bel³⁵, a Duda que eram da Seleção. Faziam parte da Seleção onde jogava uma Sissi³⁶, uma Roseli³⁷, uma Pretinha³⁸, sabe? Então o Rio Grande do Sul sempre teve meninas em condições, mesmo estando aqui

³⁵ Isabel Cristina de Araújo Nunes.

³⁶ Sisleide Lima do Amor.

³⁷ Roseli de Belo.

³⁸ Delma Gonçalves.

embaixo assim, não estando ali no centro onde o futebol era... Sempre teve representantes e representantes a altura, que não deixavam à desejar nada para ninguém, sempre tinha... E eu acredito que com isso, mas tem que partir das autoridades, não é? Tem que começar a ser feito ali em cima uma mudança, e: “Ó, agora vamos conseguir um patrocínio para mais equipes, colocarem mais equipes no Gauchão.” E chamar esses times. Chamar um Brasil de Pelotas³⁹, já tem o Pelotas. Quem sabe voltar com o Inter, voltar com o Grêmio, São José, Juventude, um Caxias⁴⁰ que já tiveram, agora também não tem mais, sabe? Mobilizar, fazer uma reviravolta, porque eu acho que tem muita menina boa que joga aqui.

S.R. – Com certeza!

P.G. – E deve estar por aí perdida. Ou quando se descobre e tem vontade e quer fazer isso pra sua vida, saí do estado e vai procurar jogar fora do estado em alguma outra equipe.

S.R. – E pessoalmente, o que tu espera para o teu futuro como treinadora?

P.G. – Ah eu espero...

S.R. – Quer chegar na Seleção? [risos]

P.G. – Ah eu acho que todo mundo tem um sonho de chegar na Seleção, mas eu nem vou tão longe assim, eu sei que assim quem vive futebol sabe que Seleção é muito política, não é? Tu pode ser o melhor treinador do mundo, que nem antes de ontem eu estava vendo uma entrevista da Pellegrino⁴¹, ela está fazendo Pós [Graduação] em futebol, tudo... Aí ela falando pra... Dando a palestra dela lá falando: “Bah, mas tu vê, eu sou formada em Educação Física, estou fazendo Pós-Graduação em futebol, mas eu posso dizer que vai ser muito difícil um dia eu ser treinadora na Seleção porque é muito elitizado, é muito...” “Ah

³⁹ Grêmio Esportivo Brasil.

⁴⁰ Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul.

⁴¹ Aline Pellegrino.

tu é o presidente da CBF⁴² tem as cartinhas dele lá”. Aí passou do presidente, o vice presidente tem um amigo lá que é treinador: “Ah vamos botar na Seleção feminina”. Sabe? Então não é por resultado, não é porque... Seria interessante uma mulher ser treinadora da Seleção Feminina, assim como nos outros países são, muitas mulheres ficam a frente das Seleções. Por que não aqui no Brasil? Então eu acho que depende... Bom, mas assim, eu como treinadora, claro que todo mundo sonha com uma Seleção, mas eu nem vou assim tão longe. Pra mim, ganhar os títulos aqui que eu nunca conquistei, como treinadora, pra mim já seria uma grande conquista. Tipo, um Campeonato Gaúcho, de repente vou treinar algum time em São Paulo, ganhar uma Copa do Brasil...

S.R. – Bom Patrícia, pra finalizar então, tem alguma coisa que eu não perguntei, ou que tu queira acrescentar, ou alguma outra coisa?

P.G. – Acho que eu já falei até de mais, não é? [risos] Não, acho que era só isso mesmo.

S.R. – Então, muito obrigada, te agradeço pela disposição.

P.G. – De nada, quando precisar, estamos na mesma barca.

S.R. – A gente vai ter que visitar aquele acervo, não é? [risos]

P.G. – [risos] É!

S.R. – “Tá”! Obrigada viu.

[FINAL DA ENTREVISTA]

⁴² Confederação Brasileira de Futebol.